

## **A DÁDIVA E O MISTÉRIO DE SANTO REIS**

**Gabriela Arantes Ferreira de Sales<sup>1</sup>**  
**Janderson Angelim Cunha<sup>2</sup>**

### **Resumo:**

O presente artigo tem por objetivo apresentar o ritual folclórico de Santo Reis realizado na região de Araxá, no Triângulo Mineiro – MG e verificar sua relação com o paradigma da dádiva, descrito por Mauss (1923), na obra “Ensaio sobre a dádiva” e por Godbout (1998) em sua releitura do paradigma em “O Espírito da Dádiva”. Trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva que utiliza o documentário “O mistério de Santo Reis”, produzido por Fábio Rodrigues (2011), como base referencial para a sistematização dos dados. Utiliza-se, ainda, autores como Luis da Câmara Cascudo, que direcionam seus estudos às pesquisas folclóricas e às manifestações populares. Pode-se observar que nos rituais estudados, a dádiva está implícita nas oferendas, nos pedidos de cura e também na escolha dos Santos Reis.

**Palavras-chave:** Dádiva. O Mistério de Santos Reis. Manifestações Populares. Folclore

---

<sup>1</sup> Mestre em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi, professora no curso de Hotelaria na UNIESP.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação pela Universidade Anhembi Morumbi.

### ***Introdução***

O sistema de dádivas foi descrito pela primeira vez por Mauss em seu célebre *Ensaio sobre a Dádiva (Essai Sur le Don*, no original), publicado em 1923. Mauss descobriu que os habitantes das sociedades da orla do Pacífico e do noroeste da América do Norte praticavam um tipo de intercâmbio de prestações e de contraprestações, denominadas pelo autor de “prestações totais”, caracterizadas basicamente pela oferta voluntária de presentes, livre e gratuita, e, simultaneamente, interessada e obrigatória (MAUSS, 2003).

A obra de Mauss tem inspirado a reflexão de cientistas sociais contemporâneos e por isso, hoje há um considerável universo de pesquisadores trabalhando acerca da dádiva. A maior contribuição do *Ensaio* de Mauss (2003) talvez seja a de mostrar como as mais diferentes civilizações revelam que trocar é mesclar almas, permitindo a comunicação entre os homens, a inter-subjetividade, a sociabilidade. Assim, para Mauss (2003, p. 211), o objetivo da dádiva “é produzir um sentimento de amizade entre as duas pessoas envolvidas”

A tese principal do *Ensaio* de Mauss (2003) é, portanto, que a vida social se constitui por um constante dar-e-receber. A dádiva produz aliança, tanto as matrimoniais como as políticas (trocas entre chefes ou diferentes camadas sociais), religiosas (como nos sacrifícios, entendidos como um modo de relacionamento com os deuses), econômicas, jurídicas e diplomáticas (incluindo-se aqui as relações pessoais de hospitalidade). A dádiva serve, portanto, antes de mais nada, para estabelecer relações. “Ela é mesmo a relação social por excelência” (GODBOUT, 1999, p. 16).

O presente artigo propõe uma reflexão acerca da dádiva e sua relação com o ritual popular de Santos Reis realizado na região de Araxá, no Triângulo Mineiro – MG. Trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva que utiliza o documentário “O mistério de Santo Reis”, produzido por Fábio Rodrigues (2011), como base referencial para a sistematização dos dados.

***Dar, receber e retribuir – Reflexões sobre a dívida na sociedade moderna***

As sociedades modernas vivem em torno da hegemonia do sistema econômico capitalista dirigido pelos interesses do mercado e o consumismo desenfreado. Esse modelo econômico tem sido discutido mundialmente, pois além de sacrificar bens naturais não renováveis e restringir os recursos em prol do crescimento econômico, cria novas tendências mercantis que entusiasmam a mecanização do pensamento humano e ajustam novas regras de vida e comportamento para a sociedade. Segundo Goudbout (1998, pg. 39-52), para essa modalidade política e econômica atual, existe um paradigma sociológico que explica tal comportamento e busca refletir sobre as tendências desse mecanismo para os atores desse sistema, que muitas vezes tem suas necessidades transformadas e maquiadas por instituições e autoridades em função do crescimento comercial. Esse paradigma é conhecido como o neoliberalismo. Nas ciências humanas, ele possui diversos nomes: teoria da escolha racional, racionalidade instrumental, individualismo metodológico, utilitarismo, *homo aeconomicus*, teoria econômica neoclássica, entre outros. (GODBOUT, 1998, pp. 39-52). Ainda segundo o autor, as diversas nomenclaturas atribuídas ao paradigma, podem classificar seus diferentes aspectos, porém existe um ponto em comum em todos eles que pode resumir sua essência: “procura explicar o sistema de produção e, sobretudo, de circulação das coisas e dos serviços na sociedade a partir das noções de interesse, de racionalidade, de utilidade”. Para Simmel (apud GODBOUT, 1998, pp. 39-52), esse sistema tende a guiar os atores do processo a partir de vontades criadas por meio de um ambiente imaginário em que as necessidades são criadas artificialmente para que o ciclo desejo-consumo seja abastecido periodicamente:

O membro da sociedade moderna se vê às voltas com um número impressionante de instâncias, de pessoas, de instituições, de autoridades, que tentam lhe dizer quais deviam ser seus valores, suas preferências, que tentam lhe dizer o que é bom para ele. Costumam ser instâncias externas à sua comunidade, que ele tende a considerar ilegítimas. (SIMMEL APUD GODBOUT, 1998, pp. 39-52).

Nesse caso, as relações são extremamente impessoais, não há envolvimento e não há promessa de uma relação a longo prazo. Para Godbout (1998, pg. 40), as sociedades modernas encontram espontaneamente uma vantagem no sistema de mercado: a liberdade, traduzida pela facilidade de sair de uma relação que não se

aprecia, e ir procurar outra, livre de regras e sem necessidade de explicações ou satisfações sociais. Segundo o autor, o modelo mercante visa à ausência de dívida.

Nesse modelo, cada troca é completa. Graças à lei da equivalência, predominante no sistema utilitarista, “cada relação é pontual, e não compromete o futuro. Não tem futuro e portanto, não nos insere num sistema de obrigações” (GODBOUT, 1998, pp. 39-52). Nesse sentido, a liberdade moderna pode ser considerada essencialmente como a ausência da dívida. “O par constituído pelo individualismo e a economia neoclássica busca fundar a ética do comportamento do homem sem nenhuma dívida em relação a quem quer que seja” (SIMMEL apud GODBOUT, 1998, p. 41). Assim, Berthoud (1994, p. 53), classifica o mercado como um meio criado pela sociedade moderna, onde os indivíduos buscam sanar as dívidas pontualmente, sem que haja comprometimentos futuros. Para o autor, o mercado é “um laço social que visa escapar das obrigações normais inerentes aos laços sociais. É a essência da liberdade moderna. Nesse jogo infinito da circulação de equivalências, ser um indivíduo, equivale a não dever nada a ninguém”. (BERTHOUD APUD GODBOUT, 1994, P. 53). Nesse sentido, o homem da sociedade moderna torna-se seguro para concretizar sonhos e desejos, muitas vezes criados e manipulados pelo mercado, em um ambiente de liberdade de escolha e garantia de não atrelar pendências futuras à essas transações. Para Godbout (1998), esse modelo tende, a generalizar um valor, o valor de produto.

Se, graças à modernidade, libertamo-nos de nossos laços, por outro lado tornamo-nos cada vez mais dependentes de nossos bens, de nossos produtos e, principalmente, da necessidade de produzir cada vez mais. Em outras palavras, o que era meio (o produto) torna-se fim. Inverte-se a relação fim-meio. O que fora inicialmente definido como estando a serviço das preferências individuais — a produção — acaba sendo o valor supremo, a finalidade (GODBOUT, 1998, pp. 39-52).

Em contraposição ao paradigma economicista e utilitarista, sociólogos e antropólogos desenvolveram estudos que criticam essa abordagem e apresentam uma outra forma de analisar o comportamento social, dessa vez partindo de um olhar coletivo e não mais restrito ao indivíduo. Esse novo paradigma preocupa-se em analisar as diferentes formas de holismo, termo que designa em sentido amplo, todas as teorias que falam da sociedade mais do que do indivíduo. Esse movimento recrimina o monopólio da economia neoclássica e se apresenta como uma alternativa ao paradigma utilitarista (GODBOUT, 1998, pp. 39-52). Segundo Godbout (1999, pg. 37), a essência

desse novo pensamento está em romper o isolamento do indivíduo e situá-lo no contexto de suas relações sociais. Etzioni (apud GODBOUT, 1998, pp. 39-52) denomina essa nova rede pensamento de "paradigma do eu e nós", que significa que cada indivíduo possui um sentimento de identidade compartilhada com os outros. Nesse novo paradigma, os atores sociais não agem somente em função de seus interesses, mas sim em função de normas e valores coletivos. Para Etzioni (1988, pp. 41-43), os atos morais tendem a representar os ímpetus sociais sobre compromissos não deliberados:

Atos morais refletem um imperativo, uma generalização, e uma simetria quando aplicados aos outros [...] são intrinsecamente motivados e não passíveis de uma análise meios-fins. [...] repudiam a racionalidade instrumental que inclui a consideração de custos e benefícios. [...] De fato, a "instantaneidade" de tais decisões é usada por várias pesquisas como uma indicação de que se trata de um compromisso não deliberado. (Etzioni, 1988, pp. 41-43)

Os dois paradigmas descritos representam que as relações sociais decorrem a partir da liberdade e da livre escolha, onde os indivíduos podem seguir guiados pelo modelo da racionalidade, ou por um comportamento determinado por normas, pela obediência a regras. Para Caillé (1998, pp. 5-38), nenhum dos dois grandes paradigmas apresentados podem elucidar questões relativas ao comportamento social. Por isso, ele propõe e instiga reflexões acerca da dádiva e sobre os estudos realizados inicialmente por Marcel Mauss, e que hoje são conduzidos por autores representantes do movimento “Mouvement Anti Utilitariste em Sciences Sociales (M.A.U.S.S)” – Movimento Antiutilitarista em Ciências Sociais, entre os quais, Alain Caillé foi o precursor. Para Caillé (1998, pp. 5-38), a dádiva desafia os grandes paradigmas propostos e por isso merece destaque dentre as pesquisas sociológicas:

Entende-se por dádiva tudo o que circula na sociedade que não está ligado nem ao mercado, nem ao Estado (redistribuição), nem à violência física. De modo mais positivo, é o que circula em prol do ou em nome do laço social. Não é um fenômeno irrelevante. Basta pensar no que circula entre amigos, entre vizinhos, entre parentes, sob a forma de presentes, de hospitalidade e de serviços. Na sociedade moderna, a dádiva circula também entre desconhecidos: doações de sangue, de órgãos, filantropia, doações humanitárias, benevolência, etc. (GODBOUT, 1998, pg. 39-52).

A dádiva não corresponde ao modelo mercantil; uma de suas principais características consiste no fato de que os agentes sociais não estão condicionados à equivalência e a quitação das dívidas contraídas. O movimento da dádiva não é unilateral, embora a retribuição não seja o objetivo no sistema da dádiva, geralmente, ela acontece, e muitas vezes maior do que a dádiva inicial. Para Godbout (1998, pg. 39-

52) “[...] O mercado se baseia na liquidação da dívida. A dádiva baseia-se, ao contrário, na dívida. Isso pode ser observado tanto nos laços primários como nas relações de parentesco, na doação a um desconhecido, na doação de órgãos”. A dádiva não corresponde ainda ao paradigma holista, pois enquanto os agentes nesse sistema agem por obrigação às regras e normas, no sistema da dádiva, os atores valorizam o prazer envolvido na relação. Segundo Godbout (1998, pp. 39-52), uma dádiva feita por obrigação, por obediência a uma norma, é considerada de qualidade inferior e por isso a moral do dever não se aplica à dádiva. [...] os membros de um sistema de dádiva possuem uma relação muito particular com as regras. “Antes de mais nada, as regras devem estar implícitas. Por isso, é de muito mau gosto deixar o preço num presente, ou aludir a ele”. No sistema da dádiva – o doador, por muitas vezes chega a negar a importância da dádiva. Ao doar algo, é comum responder após o agradecimento, “*de nada*”, como forma de diminuir a obrigação de retribuir e tornar a retribuição incerta. Esse mecanismo torna o outro livre para dar por sua vez. Oportuniza-se assim ao receptor fazer uma verdadeira dádiva (GODBOUT 1998, pp. 39-52).

Constata-se, desse modo, que os atores da dádiva introduzem, deliberada e permanentemente, uma incerteza, uma indeterminação, um risco quanto à efetivação do contrato, de modo a se afastarem o máximo possível do contrato, do comprometimento contratual (mercantil ou social), e também da regra do dever; na verdade, de qualquer regra de tipo universal. Por quê? Porque estas últimas têm a propriedade de obrigar o outro independentemente de seus “sentimentos” em relação a mim, independentemente do elo que existe entre o outro e eu (GODBOUT 1999, pg. 52).

De acordo com Caillé (1998, pp. 5-38) o sistema da dádiva, representado pela tríplice obrigação – dar, receber e retribuir, é um modelo de ação social totalmente diferente e paradoxal, pois estabelece ao mesmo tempo, uma relação de “liberdade e obrigação” e de “interesse e desinteresse”. O ritual da dádiva não se resume em mero ritual, pelo contrário, em uma relação que envolve dádiva, há expressão obrigatória de sentimentos de generosidade, gratidão e espontaneidade (CAILLÉ, 1998, pp. 5-38). Em suma, as formas de liberdade e dívida descritas no sistema da dádiva são diferentes daquelas contraídas pelo sistema mercantil. Na dádiva, não há preocupação em relação à contração da dívida e não consiste na facilidade, para o ator, de sair da relação; “situa-se, ao contrário, dentro do laço social, e consiste em tornar o próprio laço mais livre, multiplicando os rituais que visam diminuir, para o outro, o peso da

obrigação. A dádiva é um jogo entre liberdade e obrigação”. (GODBOUT 1998, pp. 39-52).

Assim, o modelo da dádiva não se liga, a nenhum dos dois paradigmas dominantes. A não equivalência, a espontaneidade, a dívida, o prazer do gesto e a liberdade se opõem às teorias de holismo e individualismo metodológicos (GODBOUT 1998, pp. 39-52). Para Godbout (1998, pp. 39-52), “[...] a verdadeira dádiva é um gesto socialmente espontâneo, um movimento impossível de captar em movimento, uma obrigação que o doador dá a si mesmo, mas uma obrigação interna, imanente”.

### *O ritual de Santos Reis*

Para Brandão (2004) as “Folias de Reis são grupos precatórios errantes que vão de casa em casa, pedindo esmolas e anunciando a festa de Santos Reis”.

Trata-se de uma seqüência de gestos celebrativos fundadores da própria experiência humana. São rituais de solidariedade que têm duas funções sociais muito grandes. De um lado, são rituais de memória, são lembranças de raízes do que nós somos. De outro lado, há a experiência da gratuidade. Nunca um velho folião vai cobrar pelo que faz (Brandão, 2004).

Para Pedro Aleixo, 67 anos, capitão de Folia em Araxá, Minas Gerais a folia de Reis tem significado religioso muito forte e por meio do ritual, pode-se distribuir a riqueza e favorecer a sociabilidade das pessoas que vivem em Araxá.

Folia de Reis é aquilo que começou no dia do nascimento de Jesus. Os três reis eram ricos e levaram riqueza para poder agradar o Menino Jesus. A Nossa Senhora e o São José agradeceram tudo e falou para eles: ‘para adorar o Menino Deus, tinham que repartir com a pobreza’. Então, eles formaram uma folia e começaram a pedir esmola durante o dia. Quando era de tarde, fazia a festa com aquelas moeda que tiravam. Aí, ficou como uma tradição para nós. Porque a gente acredita naquilo que vem do princípio, então a gente acredita que é verdade e continua fazendo também (Aleixo, 2011).

O sentido da Folia de Reis é imitar, fazer a semelhança do que fizeram os 3 Reis do Oriente, quando foram adorar o menino Jesus e quando voltaram anunciando o que viram. A viagem e a adoração dos Reis ao menino Jesus, presente em curta passagem do Evangelho de Mateus, passa a ser o fundamento mítico, a explicação para a origem e a existência da Folia. A dimensão da viagem, da caminhada, portanto, é central para

entender o sentido da Folia para o próprio folião. Os 3 Reis viajaram, guiados pela estrela, para Belém onde encontraram a manjedoura em que havia nascido o menino Jesus. A Folia de Reis, como faz a imitação dos Reis, também deve sair em viagem, visitando as casas dos devotos, cantando lembrança do nascimento.

Durante 13 dias, da meia-noite do dia 24 de Dezembro até o dia 6 de Janeiro, as Folias da região pesquisada circulam por um território, alternando momentos de cantoria no interior das casas com deslocamentos entre elas. As pequenas salas das casas, palco da cantoria, transformam-se em espaços ritualizados onde vão acontecer as trocas entre a Folia e os devotos. Durante a visita a uma casa, uma série de relações, sociais e simbólicas, são atualizadas e construídas: laços sociais, relações de vizinhança, de parentesco entre os integrantes da Folia e os devotos; laços simbólicos entre devotos e o santo fortalecem-se quando a Folia, por intermédio de sua visita, paga promessas e votos. A Folia sempre fecha em casa de parente ou conhecido, que dá pouso para os instrumentos e a bandeira. Os integrantes da Folia retornam para suas casas e, no outro dia, recomeçam o “giro” partindo dessa casa, agradecendo o pouso. Todos os dias essa dinâmica, que envolve a visita às casas de devotos ou a lugares sagrados, como o cruzeiro e o centro, se repete.

O trajeto que a Folia vai percorrer, em última instância, é decidido pelo folião, mas estas decisões envolvem a participação de outros integrantes, principalmente os mais velhos e os parentes próximos. O roteiro, em geral, é traçado durante a própria jornada e, em vários aspectos, depende das situações encontradas.

### ***Resultados da Pesquisa***

A pesquisa foi realizada a partir da análise do documentário “O Mistério de Santo Reis” e também a partir do estudo bibliográfico sobre a Folia de Reis. “O Mistério de Santo Reis é um documentário audiovisual de 40 minutos, sobre as Folias de Reis, que praticamente durante todo o ano percorrem as estradas de fazendas e ruas de cidades do interior em cantorias e orações para louvar os Três Reis Magos e pagar promessas de seus devotos.

As gravações foram feitas na região de Araxá, no Triângulo Mineiro, durante os anos de 2007 e 2008. Foram feitos registros da peregrinação de diferentes grupos de



foliões tanto na zona rural, como na cidade. Também foram captadas as imagens de festas de encerramento desse ritual que costumam reunir até 5 mil pessoas na sede da fazenda do festeiro e onde a comida comprada com o dinheiro das doações obtidas pela Folia é servida de graça a todos os presentes.

Outro fenômeno captado pelo documentário é o dos Encontros de Folias, verdadeiros festivais de cultura popular que reúnem dezenas de grupos e milhares de foliões em diferentes cidades da região. O vídeo exhibe ainda os depoimentos dos homens e mulheres, como Pedro Aleixo, que mantém viva essa tradição brasileira.

Observa-se que no ritual de Santo Reis, representando pela jornada dos foliões na região de Araxá, muitas situações podem ser descritas como “manifestações da dádiva”. Ao iniciarem o ritual, os foliões são recebidos por moradores em suas casas e levam consigo a cantoria de benção a todos os familiares. Os moradores recebem os foliões e pedem que sejam abençoados, uma vez que os foliões representam os três Reis Magos. A benção é concedida e em troca os foliões levam uma pequena quantia em dinheiro, que será revertida para a organização de uma grande festa em homenagem aos três Reis Magos.

Em outra situação, os Reis Magos são convidados pela família de pessoas enfermas. Essas famílias acreditam que a benção dos Reis pode curar e até salvar a vida de pessoas que estão fatalmente adoecidas. Após a solicitação os Reis Magos fazem uma prece especial às famílias necessitadas e intermediam o pedido de cura, junto ao menino Jesus. Segundo testemunhos de moradores de Araxá, muitas pessoas já foram curadas pelo Reis Magos.

A folia representa às pessoas da região uma grande manifestação de fé e doação. Muitas pessoas saem às ruas emocionadas com a peregrinação dos Reis Magos e os oferecem alimentos. Existe, de fato, o entendimento que os Reis Magos representam o dom divino de prover o bem e a harmonia para os moradores.

Para finalizar o ritual, o festeiro, organizador da grande festa de encerramento, recebe em sua fazenda, os convidados para a grande confraternização. A entrada na festa é gratuita e alimentos e bebidas distribuídos são comprados com as arrecadações realizadas pelos Foliões. Na ocasião são escolhidos os novos festeiros, que receberão os convidados para a confraternização no próximo ano.

### *Considerações Finais*

O artigo apresenta o conceito de dádiva descrito pelos autores Mauss (1923) e Godbout (1998) e propõe uma reflexão sobre as manifestações da dádiva no ritual de Santo Reis. Observa-se que as “relações da dádiva” podem ser explicitadas por meio dos pedidos feitos aos representantes dos Reis Magos, pela população de Araxá, no momento da jornada e visita dos reis nas casas dos moradores. Nesse momento, os moradores doam certa quantia em dinheiro, que representa a partilha entre a comunidade para simbolizar a oferenda ao menino Jesus.

As graças concedidas, por meio das doações são retribuídas em orações e comemorações no dia da festa de Santo Reis, onde todos os moradores participam.

Os moradores enfermos solicitam a cantoria de Reis em suas casas, como forma de amenizar o sofrimento trazido pela doença. Os reis magos oferecem, então, uma cerimônia de cura para toda a família do doente.

Nesse sentido, observa-se que a tríplice obrigada dar-receber-retribuir está presente em muitos momentos representados pela jornada na folia de Reis. Essa tradição popular em Araxá – MG também contribui para a manutenção das relações sociais constituídas entre os moradores da região.

**Referências Bibliográficas**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas: Papirus, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória/Sertão**: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e Manuelzão. São Paulo: Editorial Cone Sul; Uberaba: Ed. Uniube, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Sobre a tradicionalidade rural que há em nós. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de; MARQUES, Marta Inez M. (Orgs). **O campo do Século XXI**: território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Casa Amarela e Paz e Terra, 2004, p.121-131.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos**: escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador sustentável. 2.ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, Programa Nacional de Educação Ambiental, 2005. (Apresentação de Marina Silva e Jorge M. Samek.)

CAILLÉ, Alain (2002a) **Antropologia do Dom: o terceiro paradigma**, Petrópolis, Vozes;

CAILLÉ, Alain (2002b) **“Dádiva e associação”** In Martins, P.H. (org.) A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social, Petrópolis, Editora Vozes;

CAILLÉ, Alain (1998) **“Nem holismo nem individualismo metodológico: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva”** in Revista Brasileira de Ciências Sociais, n.8, volume 13, ANPOCS;

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **A pesquisa em Hospitalidade**. Revista Hospitalidade, São Paulo, ano V, n. 2, p23-56, dez. 2008.

CORIOLOANO, L. N.; LIMA, L. C. (Org.). **Turismo comunitário e responsabilidade socioambiental**. Fortaleza: EDUECE, 2003.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti e BUENO, Marielys Siqueira (Orgs.). **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Thomson, 2003.

GODBOUT, Jacques. (2004) **“Digressão sobre as redes e os aparelhos”** in **Redes sociais e saúde: nova perspectiva de análise**, Recife, Editora Universitária da UFPE;

GODBOUT, Jacques. **Introdução à dádiva**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.13, n.38. São Paulo: outubro, 1998.

GODBOUT, Jacques. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

MARTINS, Paulo Henrique. (2000) **“Sociologia, intervenção e ação social”** in Estudos de sociologia: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, Recife;

MARTINS, Paulo Henrique. (organizador) (2002) **A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social**, Petrópolis, Vozes, 2002;

MARTINS, Paulo Henrique e Medeiros, (2003) **A Economia solidária e popular: questões teóricas e práticas**, Recife, Ed. Bagaço;

- MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Sociologia e Antropologia.** São Paulo: EPU; Edusp, 1974.
- SAMPAIO, C. A. C. **Turismo como fenômeno humano: princípios para se pensar a socioeconomia.** Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2005.
- SHERER-WARREN, I. (1993) **Redes de movimentos sociais,** São Paulo, Edição Loyola;